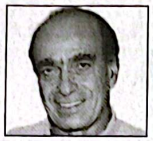
AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA



Contação de estórias

A narrativa ligada à oralidade mantém a força que sempre teve

A palavra "contação" não consta dos dicionários. E a novidade começa por aí. Já "estórias", é uma outra história. Tem gente que acha que tem que ser "história". Não tem. Guimarães Rosa já o disse. Vide "Primeiras estórias". "História", assim imponente, com "h" deve ficar mesmo para a "história do Brasil", "história geral", "fazer história", etc. E aquilo que é mais doméstico, pessoal, subjetivo, o acidental, o "causo", o poema, o fantástico, o onírico, tudo isto é "estória".

E o inovador "contação" tem um vantagem: introduz logo a idéia de movimento, ação. E quem assistiu ao Simpósio Internacional de Contadores de Histórias, organizado por Benita Prieto, entre 28 de junho a 2 de julho, no Sesc-Copacabana, e que reuniu narradores de Brasil, Estados Unidos, Moçambique, Itália, Espanha, Portugal, França e Moçambique, entendeu ainda melhor a tal de "contação".

Das 18h de sábado, 28, até as 18h de domingo, 29 (enquanto milhares de pessoas viam os "gays" e afiliados desfilando pela orla de Copacabana), no anfiteatro do Sesc, transcorria uma engraçada e calorosa maratona de contadores de estórias com dezenas de profissionais e muitos grupos de contadores que ultimamente, a exemplo do Morumbetá e Confabulando, proliferaram que nem grupos de rock e rap. Noite e madrugada a dentro os contadores se revezavam na arena como Scherazades capazes de preencher milhares de noites com estórias sem fim.

Estive ali assistindo e participando da mesa redonda Mar de Estórias, ao lado da portuguesa Ana Maria Costa Lopes, do moçambicano Lourenço do Rosário, do almirante e historiador Max Justo Guede, e como diria a professora Vera Sousa Lima, citando Gonçalves Dias, "meninos, eu vi".

De alguns anos a esta parte a contação de estórias ganhou corpo no Brasil e no mundo. Deve seu momento de expansão quando o antigo Proler (hoje assunto de várias teses universitárias) a partir de 1991 disseminou por todo o país essa prática como forma de implementar o gosto da leitura e o consumo de livros. E ali no Sesc, grupos vindos seja de Caxias do Sul, de Macaé ou de Goiás, testemunhavam a permanência daquele tipo de ação cultural.

Esse simpósio, que não foi o primeiro, e que cada ano mais cresce, além de congregar contadores de estória de todo o país e de confirmar que o Brasil exerce uma liderança nesse setor, demonstrou que mesmo numa sociedade perpassada por altas tecnologias, a narrativa em sua forma mais primitiva, ligada à oralidade, mantém a mesma força que sempre teve quando ao pé do fogo os shamans e os velhos contadores tribais narravam fatos e feitos.

Ninguém resiste a uma estória (até mesmo mal contada). Se alguém num banco junto a nós, numa condução ou praça, está narrando algo a outrem, ou se alguém está contando mesmo que seja um fuxico qualquer, somos tentados a ouvir como se fosse o capítulo de mais uma novela. Tudo é narração. Sob formas as mais variadas, tudo é narração. Uma página de jornal é o folhetim de nossas esperanças e desgraças. A locução de uma partida de futebol pode ter virtualides de uma epopéia. Nelson Rodrigues, quando escrevia sobre futebol, vivia comparando a vida e o jogo aos "Irmãos Karamazov", de Dostoievski, e a alguns trechos do "Rigoleto" de Verdi. Até o vôo de uma gaivota pode nos narrar algo. O mover das ondas, uma profunda estória. Quem tem ouvidos ouça, quem tem voz, narre.

Por isto, eu dizia naquele encontro que o cronista — esse espécime ainda mal estudado, por exemplo, é um contador *sui generis*, pois enquanto muitos narradores estão tentando descrever ações, embates, peripécias, o cronista, a exemplo do poeta, tira do nada a sua matéria. E falar com o nada e sobre o nada é a suprema audácia. Narrar o nada, eis o sutil desafio. É que para o bom narrador a narração é linguagem pura. E o que seduz sempre é a peripécia da linguagem que desperta na mente do leitor fabulosos seres imaginários.

A enorme, animadíssima e participante audiência daquele Simpósio demonstrou que contador de estórias já virou uma profissão. Roberto Carlos, que outro dia apareceu no Jornal Nacional, ex-menino da Febem outrora considerado irrecuperável, é um competente profissional nessa área. Maurício Leite, com sua "mala de leitura" tanto visita tribos de índios no Brasil contando entre outras coisas estórias de fadas e reis, que os índios, surpreendentemente, adoram, quanto percorre pequenas comunidades na África atuando com o apoio do Instituto Camões e do Itamaraty. Já foi matéria até do "The New York Times". Atrizes como Maria Pompeu, Bia Bedran , Priscila Camargo e atores como José Mauro Brant, Jiddu Saldanha, Hélio Leite e Celso Sisto são um exemplo de que se pode viver de contação de estórias. Não tardará muito para que os teatros que são um espaço onde se conta estórias de uma maneira mais formalmente dramatizadà possam se abrir para esse tipo de profissional. Cursos já existem, como o de Gregório Filho no Paço Imperial, que regularmente recebem grande número de interessados. Se os contadores espontâneos têm recursos inatos, é possível desenvolver, como nos atores e nos escritores, técnicas que aperfeiçoem a interação com o ouvinte.

Cruz



A contação de estórias, enfim, demonstra que há espaço para todos os que têm alguma coisa a dizer e sabem como dizê-lo. E numa sociedade em que a tecnologia afastou as pessoas, fazendo-as dialogar com máquinas que frustram e esfriam as relações, ouvir de corpo presente uma voz humana que nos fale de coisas imemorialmente simples e fundamentais é um acontecimento que deve ser celebrado e estimulado.

E-mail para esta coluna: *santanna@novanet.com.br*

Roberto Stuckert Filho/30-4-2003



Digitalizado com CamScanner